



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

# O TURISMO ÉTNICO E A CULTURA INDÍGENA COMO ATRATIVO TURÍSTICO: Um Estudo sobre a Reserva Indígena de Dourados/MS

**Victória Rui Falcão**

Graduanda em Turismo

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

vick\_rf@hotmail.com

**Juliana Maria Vaz Pimentel**

Doutora em Geografia

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

jmvpimentel@outlook.com

Recebido: 28 de junho, 2017

Aprovado: 27 de outubro, 2017

## RESUMO

Será abordado no presente artigo o desenvolvimento do turismo étnico que verifica-se em diversas comunidades indígenas como atrativo turístico. Para a análise da temática em questão realizamos um recorte territorial, ou seja, será pesquisado mais especificamente a Reserva Indígena de Dourados, localizada no Mato Grosso do Sul. Além disso, este artigo tem como objetivo refletir as mudanças que a aplicação deste tipo de atividade pode trazer para a população indígena estudada e a forma com que estes reagem sob a forma como turismo é realizado em seu território. Nessa fase inicial da pesquisa nos pautaremos em referenciais teóricos voltados a questões referentes ao turismo étnico, aos indígenas, sua inclusão na atividade turística e em estudos específicos sobre o turismo desenvolvido na Reserva Indígena de Dourados (MS).



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

**Palavras-chaves:** Turismo étnico; Turismo em comunidades indígenas; Reserva Indígena de Dourados; Turismo e desenvolvimento local; Cultura indígena.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo visa compreender o turismo em aldeias indígenas e o uso dessa cultura como atrativo turístico. Para o transcorrer da pesquisa nos pautaremos na abordagem do segmento do turismo étnico. Tendo em vista que esse tipo de atividade turística ocorre em âmbito nacional, estudaremos especificamente o turismo étnico, desenvolvido na Reserva Indígena de Dourados (RID)-MS.

114

A RID foi fundada em 1917 e abriga as aldeias Jaguapirú e Bororó, somando ao todo índios das etnias Guarani-Kaiowá, Ñandeva e Aruak-Terena (Pereira, 2014). A atividade turística nessa área teve início em 1990, e desde então, vêm se tornando um dos principais atrativos turísticos do município. A Coordenadoria Especial de Assuntos Indígenas de Dourados (CEAID), órgão ligado à prefeitura local é responsável pela elaboração dos roteiros. As visitas devem ser agendadas com as agências de turismo do município ou com a CEAID e



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

acontecem por meio da liberação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Dessa forma, a presente pesquisa mostra-se necessária para compreender quais são os impactos e as mudanças geradas pelo desenvolvimento da atividade turística em terras indígenas e, no caso deste artigo, na RID, onde a cultura e o modo de vida são considerados exóticos.

Sendo assim, o principal objetivo deste artigo é analisar os diferentes olhares sobre a atividade turística em comunidades indígenas, fugindo de um olhar dual no que concernem as diferentes abordagens referentes aos aspectos positivos ou negativos do turismo étnico.

115

## DISCUSSÃO TEÓRICA

Com o grande número de destinos turísticos massificados e uma nova tendência pelo inovador, o turismo étnico surge como uma alternativa para os turistas e como uma oportunidade para os grupos étnicos. Essa atividade abre portas e proporciona a



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

tais grupos a chance de resgatar e reforçar sua cultura, além de vir como elemento econômico, complementando a renda de uma comunidade ou se tornando sua principal fonte (Peixoto & Albuquerque, 2007).

Brasil (2010, p.17), ao considerar a etnia como uma forma de expressão cultural, coloca o turismo do tipo étnico dentro do segmento turismo cultural, ou seja, “existem formas de expressão da cultura que são classificadas em áreas de interesse específico e que geram demandas de viagem com motivação própria, mas se configuram dentro [...] do Turismo Cultural”.

O turismo étnico aparece através da demanda de experiências consideradas autênticas, onde tanto os turistas quanto a comunidade receptora buscam meios de fugir do turismo massificado, como afirmam Silva e Carvalho (2010, p. 210):

[...] apresentam-se como grupos de consumidores interessados na vivência cultural no âmbito de comunidades remanescentes de etnias específicas, ou naquelas em que predomina a representação do legado cultural herdado ao longo de processos históricos e sociais e reinterpretado no presente sob novas significações.

116



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

Quando discorremos sobre o turismo, é necessário ressaltar que o mesmo não se dá apenas pelas idas e vindas de turistas, mas o capital deixado por eles na comunidade receptora se faz de suma importância no que tange o desenvolvimento local. No entanto, é fundamental refletir sobre a relação visitantes e visitados sob perspectivas diferentes, pois o contato estabelecido por esses sujeitos poderá trazer significativas mudanças, principalmente, no que tange os aspectos culturais, econômicos e ambientais.

117

É através do contato do turista com o cotidiano da comunidade receptora que a interação e a integração de ambos acontecerá, como menciona Silva e Carvalho (2010). Será a partir dessa interação que se dará o conhecimento e o aprendizado intercultural, não necessariamente como uma forma de aculturação, mas como uma forma de conhecimento e entendimento do que se passa fora de seu “habitat”, conforme discorre o Ministério do Turismo (2010, p. 21):

O turista busca, neste caso, estabelecer um contato próximo com a comunidade anfitriã, participar de suas atividades tradicionais, observar e aprender sobre suas expressões culturais, estilos de vida e costumes singulares. Muitas vezes, tais atividades



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

podem articular-se como uma busca pelas próprias origens do visitante, em um retorno às tradições de seus antepassados.

Em outras palavras, é por meio desse tipo de experiência que o turista terá contato direto com a identidade, a cultura e os modos de vida do grupo étnico, considerada exótica ou não do ponto de vista de quem visita.

O Brasil é considerado um país multiétnico pela grande diversidade de culturas que são facilmente encontradas em toda sua extensão, como os quilombolas, ciganos, indígenas, etc. (Fernandes, 2014). Tal segmento é trabalhado no nosso país dando ênfase aos povos indígenas, já que esses são alvo de muita curiosidade por conta de sua história no processo de formação da identidade brasileira, desde seu descobrimento até conflitos existentes nos dias de hoje.

Segundo o Censo IBGE de 2010 (apud PIB Sócio Ambiental, s.d) encontram-se em território brasileiro aproximadamente 253 etnias indígenas, falantes de aproximadamente 150 línguas diferentes, ao todo somam 896.917 pessoas. Dessa estimativa



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

324.834 indígenas encontram-se em áreas urbanas e 572.083 estão localizados em áreas rurais. Esse número populacional de indígenas corresponde a quase 0,47% da população total do país. Além disso, grande parte dessa população está dividida em milhares de aldeias, situadas entre as 705 Terras Indígenas, localizadas de norte a sul do território nacional.

Apesar dos números apresentados, segundo Ribeiro (1957), estima-se que apenas na primeira metade do século XX, mais de 80 povos indígenas foram extintos, fazendo com que essa população diminuísse drasticamente, tais dados induziam ao pensamento de que, um dia, a extinção total da comunidade indígena era um fato.

A partir de 1980 vê-se uma alteração no quadro de desaparecimento dos indígenas. Diferente do que se pensava, novos estudos afirmam que tal situação tem se revertido, já que esta população vem crescendo de forma gradativa, apesar do risco de extinção que alguns povos indígenas específicos ainda correm.

119



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

Segundo Azevedo (2000):

A partir de análises demográficas e antropológicas de populações autóctones de diferentes regiões colonizadas pelos europeus, sabe-se que, após um longo período de perdas populacionais causadas por guerras, epidemias e pelos processos de escravização, os povos indígenas iniciam um processo de recuperação demográfica, muitas vezes consciente. Alguns estudos exemplares demonstram essa tendência de recuperação e, portanto, crescimento acelerado dessas populações, quando se tem acesso a fontes de dados com séries históricas.

Assim como em todo grupo humano, a cultura é o resultado da relação do homem com ele mesmo e do homem com o meio (Moretti et al., 2011). É perceptível que a história e a cultura indígena foram, e continuam sendo, drasticamente alterada pela colonização, o mesmo acontece com as terras indígenas, sendo essas grandes alvos de interesses econômicos tanto de fazendeiros, grileiros, garimpeiros, quanto de grandes empresas (inter)nacionais.

Como é explicado por Grünewald (2009, p. 98): “entre as minas, o extrativismo vegetal, o agronegócio e até os interesses em energia gerada pela construção de hidrelétricas, muito se quer nas áreas indígenas brasileiras”. Tal situação vem gerando





Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

diversos conflitos cada vez mais frequentes e violentos, por conta de projetos que afetam diretamente os direitos da população indígena e a demarcação de terras, além de deixar diversas vítimas.

Hoje, o Mato Grosso do Sul é destacado por ter uma das maiores populações indígenas do país, além de também ser conhecido pelo grande número de conflitos entre esses povos e fazendeiros (Cunha, 2015). Tais embates podem ser explicitados no trecho a seguir:

[...] teve início nos anos 1940, quando o governo federal começou a lotear e doar terras do estado para agricultores dispostos a desbravar e produzir no estado. Contudo, a divisão de terras não respeitava o direito dos povos indígenas, que só foi assegurado pela Constituição em 1988 e, posteriormente, reafirmado pelo Brasil na Declaração da ONU sobre os Direitos dos Povos Autóctones, em 2007 (Pellegrini, 2015).

Dourados, município situado no Mato Grosso do Sul, concentra 18% da população indígena do estado, totalizando cerca de 11.146 indígenas segundo dados de 2012 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A cidade é destacada pela situação de vulnerabilidade e violência contra a população

121



indígena, que constantemente enfrenta problemas de ordem estruturais tais como: falta de segurança, saúde e pobreza, decorrentes dos frequentes conflitos entre fazendeiros e indígenas. Essa situação teve início em 1917, a partir do aldeamento dos indígenas, que foram retirados de suas terras e levados para a Reserva Indígena de Dourados (RID), sem que suas divisões e hábitos culturais fossem levados em consideração. Nesse interim, o Estado dava as terras a novos proprietários, transformando-as em fazendas e pastos (DouradosNews, 2011).

122

A partir de 1970, os indígenas começaram a buscar pela terra de seus ancestrais, porém, encontraram no lugar fazendas totalmente legalizadas pelo Estado. Esse fato impediu que pudessem voltar, assim dando início aos conflitos que ocorrem até hoje.

Visto como uma possibilidade de gerar recursos financeiros e minimizar a situação de todo o tipo de vulnerabilidade social, somado ao crescente número de turistas em busca de áreas ambientais pouco exploradas e atrativos exóticos, o turismo



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

começa a ser desenvolvido na Reserva Indígena de Dourados em 1990. A RID foi inserida no “roteiro” através de acordos entre agências de viagens de São Paulo, hotéis locais e lideranças indígenas para que promovessem a visitação e mantivessem o turista no município por mais tempo. Como pode ser visto no trecho a seguir:

[...] os grupos indígenas foram gradativamente inseridos ao circuito turístico do estado [...] sem um preparo técnico e acompanhamento por parte de programas e agentes governamentais ligados à área de turismo ou da cultura, visando incorporá-los no mercado turístico de forma consentida, planejada e com reduzido impacto social (Banducci & Urquiza, 2012, p. 7).

123

A RID realizava sua visitação guiada por pessoas com pouco conhecimento sobre a cultura indígena local e tinha como atrativos as apresentações de danças e rituais das etnias Guarani-Kaiowá, N ndeva e Aruak-Terena, a venda de artesanatos e a visitação à escola Tengatu  Mangaratu, onde as crianças tinham aulas de dança, artesanato e educação física baseadas em suas culturas (Banducci & Urquiza, 2012, p. 12).



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

Muitas vezes, o turista, na expectativa de encontrar os índios como são citados em histórias e filmes, “vivendo em ocas, usando arco e flecha para caçar num habitat preservado e cuja cultura apresentasse interferências mínimas do contato com o branco” (Banducci & Urquiza, 2012, p.12-13), decepcionava-se ao encontrar pessoas destituídas de todo o tipo aparato estatal. Por conta disso, os turistas acabavam por colaborar, tornando-se doadores de roupas, alimentos e material escolar para os indígenas da RID.

124

Apesar de ser organizada por uma agencia e contar com a presença de um guia, as atividades são realizadas de maneira desorganizada e sem planejamento prévio. A consequência da ausência de um estudo e planejamento para a implementação dessa atividade, pode trazer consequências negativas para a comunidade indígena, assim denegrindo e alterando ainda mais seus hábitos culturais.

Pesquisas antropológicas na área do turismo nos permitem refletir sobre as mudanças sociais e culturais causadas pelo turismo no âmbito da comunidade indígena. Diversas



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

abordagens antropológicas abordam discussões referentes a: questões de gênero, artes turísticas, autenticidade, identidade e etnicidade, sendo esta última um dos campos de abordagem que dará suporte para o desenvolvimento do presente artigo.

Esses [...] estudos abriram o caminho para um corpo substancial de pesquisa sobre as mudanças sociais e culturais provocadas pelo desenvolvimento do turismo, ao passo que trabalhos mais recentes abandonaram o modelo do “impacto”, uma vez que este trazia a suposição simplista de que havia apenas dois elementos envolvidos - “anfitriões” e “hóspedes” - e que a presença dos turistas era o vetor de mudança ativo enquanto a população local era o receptor passivo, cujo modo de vida tradicional era irreparavelmente alterado (Grünwald, 2009, p. 19).

125

Quando falamos de mudanças causadas pelo desenvolvimento do turismo étnico, deve-se ressaltar que tais impactos não partem apenas desta atividade, mas da forma como ela é incorporada no interior de cada comunidade indígena.

Não podemos considerar o turismo étnico somente por meio dos impactos ora positivos, ora negativos. O impacto do turismo étnico vai muito além dessa visão dualista. Esse tipo de segmento deve ser analisado levando em consideração também



a inter-relação entre indígenas e turistas, assim analisando como a comunidade indígena percebe esse tipo de atratividade turística, ou seja, como estes apreendem e consideram o turismo étnico em suas terras, já que os indígenas não podem ser considerados simplesmente como sujeitos passivos da mudança. Santana (2009, p. 154) explica tal situação da seguinte forma:

[...] embora somente em raros casos promovam de forma autônoma o encontro e o desenvolvimento da atividade turística, na maior parte dos escritos sobre o tema observa-se que, de forma implícita, os grupos locais-residentes consideram o turismo uma maneira de melhorar suas economias domésticas, de se abrir para o mundo exterior e de promover sua identidade cultural. Para isso, ora aceitam-se os efeitos “perversos” da atividade, ora procura-se minimizá-los e combater-los por meio de mecanismos sociais e culturais diversos e complexos. Nesse contexto, os impactos não serão necessariamente homogêneos ou unidirecionais, ou seja, variarão conforme as respostas dos afetados e incidirão tanto de fora para dentro das populações quanto internamente a cada uma delas.

Tal ponto pode ser exemplificado pelo que chamamos de “encenação” da cultura, onde a comunidade indígena, em muitos casos, com sua cultura completamente alterada e deteriorada, devem encenar antigos ritos, linguagem, modo de vida,



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

vestimentas, etc., para chamar a atenção do visitante. Porém, o que se pode perceber é que, através da necessidade de realizar as encenações, os indígenas reconstróem os aspectos culturais buscando tais informações em suas origens, revivendo aquilo que já havia sido considerado como perdido.

Sendo assim, as “consequências” encontradas no desenvolvimento do turismo, podem incluir muito mais do que geração de renda, mas também o reforço cultural, formas alternativas de emprego, recuperação e preservação de ritos locais, além de, no caso de desenvolvimento em regiões isoladas, “o desacelerar do êxodo rural, mantendo assim as famílias intergeracionais unidas [...]” (Moon, 1989, apud Graburn, 2009, p. 19).

127

## RESULTADO

Ao se trabalhar com o turismo étnico, deve-se ressaltar que este tem como foco comunidades étnicas e sua cultura, que muitas vezes se encontram em situação de fragilidade e vulnerabilidade por conta de sua inserção na sociedade de forma abrupta e sem amparo, como ocorre no caso estudado



neste artigo. Desta forma, inserir o turismo sem um estudo prévio, consultas com a comunidade e o devido preparo e planejamento, pode trazer diversos impactos negativos para o desenvolvimento da atividade, e, principalmente, para a comunidade, além da possibilidade de causar o desaparecimento de vários traços de sua cultura.

Para evitar e/ou reverter situações como estas, é necessário que seja realizado o planejamento desta atividade, envolvendo diversas instâncias, como a gestão pública local e empresas privadas, e, principalmente, a comunidade, que deve participar como sujeitos atuantes do desenvolvimento do turismo, e não como sendo produtos ou atrativos. Grimm e Sampaio (2011, p. 66), complementam da seguinte forma:

destaca-se ainda, que as comunidades receptoras devem ter conhecimento sobre turismo e sobre turistas e de todos os impactos que a atividade pode provocar no território e na cultura local, assim como os turistas também devem conhecer e respeitar os locais visitados, pois, dessa maneira não serão originados conflitos entre visitantes e visitados.

Desta forma, é possível ressaltar a importância da realização de um planejamento para o desenvolvimento sustentável do





Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

turismo, contribuindo não apenas com a economia local, mas também para a preservação do legado cultural da população, além de assegurar o crescimento turístico local (Santana, 2011).

## CONCLUSÃO

A partir das situações postas e analisadas neste artigo, conclui-se que a atividade turística nas terras indígenas, mais especificamente na Reserva Indígena de Dourados, pode ser vista sob duas perspectivas: a primeira, tendo o turismo como fonte geradora de renda às aldeias que passam por situações de vulnerabilidade socioeconômica; e a segunda, como se tornar um atrativo turístico pode propiciar um resgate das tradições indígenas e a perpetuação da mesma por meio dos conhecimentos passados dos indígenas mais velhos para as crianças e adolescentes.

Ambas as perspectivas partem de como o turismo foi planejado, organizado e implantado nas comunidades indígenas, devendo ser observado a relação desta população com o desenvolvimento da atividade no local e do quanto a comunidade está preparada e disposta a realizar o turismo



étnico, visando alcançar o resgate e afirmação da sua cultura e a geração de renda nas aldeias indígenas.

Por meio dos estudos realizados sobre o desenvolvimento da atividade turística na RID, percebe-se que há uma necessidade urgente de discutir sobre a forma como esta foi implantada e é realizada, já que apesar dos pontos positivos anteriormente descritos, pouco há a participação da comunidade tanto no planejamento e tomada de decisões, quanto no desenvolvimento da atividade em si, fazendo com que esta população desconheça os reais objetivos de trazer o turismo para dentro da reserva e os impactos que poderão surgir por meio do desenvolvimento dessa atividade.

130

## REFERÊNCIAS

- Azevedo, M. (2000). *Quantos eram? Quantos serão?* Acesso em: 22 de Abril de 2017, disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quem-sao/povos-indigenas>>.
- Banducci Júnior, Á., & Urquiza, A. H. A. (2012). *Povos indígenas e o turismo em Mato Grosso Do Sul: Descaso e improviso. Cadernos do LEME*, 4(2), 1-22.



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

- Brasil. (2010). *Turismo cultural: Orientações básicas* (3th ed.). Brasília: Ministério do Turismo.
- Cunha, C. (2015). *O indígena no Brasil: Uma luta histórica para existir*. Acesso em 25 de Abril de 2017, disponível em <<http://vestibular.uol.com.br/resumodasdisciplinas/atualidades/oin-digenanobrasilumalutahistoricaparaexistir.htm>>.
- DouradosNews. (2011). *Questão indígena: entenda do que se tratam os conflitos por terras no MS*. Acesso em 04 de Maio de 2017, disponível em <<http://www.douradosnews.com.br/especiais/questao-indigena-entenda-do-que-se-tratam-os-conflitos-por-terras-no-ms>>.
- Fernandes, C. P. (2014). *Etnoturismo e turismo indígena no Brasil: Revisão bibliográfica. Congresso nacional de iniciação científica*. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo.
- Graburn, N. (2009). *Antropologia ou antropologias do turismo?* In Barreto, M., Grünewald, R. A., Steil, C. A., & Santos, R. J., *Turismo e antropologia: Novas abordagens* (pp. 13-52). Campinas: Papyrus.
- Grimm, I. J., & Sampaio, C. A. C. (2011). *Turismo de base comunitária: Convivencialidade e conservação ambiental*. *Revista Brasileira de Ciências Ambientais*, 19, 57-68.
- Grünewald, R. A. (2009). *Indigenismo, turismo e mobilização étnica*. In Graburn, N., Barreto, M., Steil, C. A., & Santos, R. J., *Turismo e antropologia: Novas abordagens* (pp. 97-118). Campinas: Papyrus.
- IBGE. (2012). *Características gerais dos indígenas: Resultados do universo. Censo demográfico 2010*, 1-245.



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

- Moon, O. P. (1989). *From paddy field to ski slop: The revitalization of tradition in Japanese village life*. Manchester: Manchester University Press.
- Moretti, V. D., Asbahr, F. S. F., & Rigon, A. J. (2011). O humano no homem: Os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*, 23(3).
- Peixoto, S. C. P. S., & Albuquerque, C. C. (2007). Turismo étnico indígena: meio de sustentabilidade para os índios urbanos da cidade de Manaus. *Revista Eletrônica Aboré*. Acesso em 15 de Abril de 2017, disponível em <[http://www.revistas.uea.edu.br/old/aboré/artigos/artigos\\_3/Shirley%20Cintra%20Portela%20de%20Sa%20Peixoto.pdf](http://www.revistas.uea.edu.br/old/aboré/artigos/artigos_3/Shirley%20Cintra%20Portela%20de%20Sa%20Peixoto.pdf)>.
- Pellegrini, M. (2015). No MS, a questão indígena é um barril de pólvora prestes a explodir. Acesso em 04 de Maio de 2017, disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/questao-indigena-um-barril-de-polvora-no-mato-grosso-do-sul-479.html>>.
- Pereira, L. M. (2014). A atuação do órgão indigenista oficial brasileiro e a produção do cenário multiétnico da Reserva Indígena de Dourados, MS. *Encontro anual da anpocs*. Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.
- Ribeiro, D. (1957). *Culturas e línguas indígenas do Brasil* (6th vol.). Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.
- Santana, A. (2011). A Importância do Planejamento Turístico no Desenvolvimento do Turismo Cultural. *Encontro semintur jr*. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul.



Volume 3, número 2, 2018, p. 113- 133

Santana, A. (2009). *Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph.

Silva, R. E., & Carvalho, K. D. (2010). Turismo étnico em comunidades quilombolas: Perspectiva para o etnodesenvolvimento em Filipa (Maranhão, Brasil). *Turismo & Sociedade*, 3(2), 203-219.